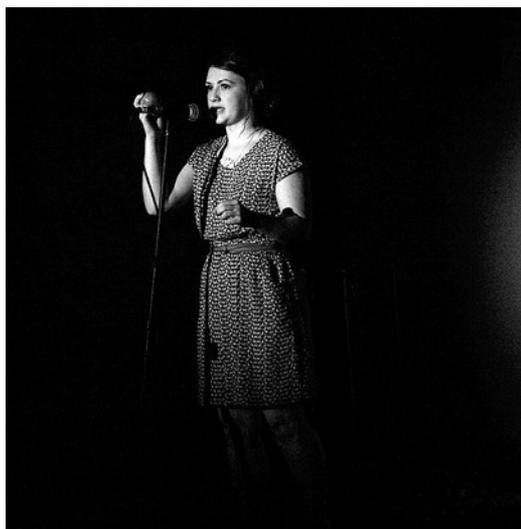


Microfestivaleiros

Histórias e aventuras de alcatifa

Susana Chicó



No passado mês de Fevereiro a Culturgest acolheu o Forest Fringe, um (micro) festival de artes performativas chegado do Reino Unido. Esta iniciativa é dirigida pelos jovens artistas Deborah Pearson e Andy Field, e teve a sua primeira edição há 5 anos, no café Forest, em Edimburgo. Desde então, o festival tem decorrido neste local, paralelamente ao Festival de Edimburgo, oferecendo uma programação alternativa e mais barata a públicos dispostos a arriscar num formato menos empacotado.

O Forest Fringe acolhe o trabalho de artistas da *live art*, do teatro experimental e da *performance* britânicas, e tem vindo a afirmar-se pelo seu perfil experimental e invulgar. A sua estratégia administrativa torna este festival num evento fora do habitual, sendo dirigido por artistas e não tendo fins lucrativos. É uma organização totalmente independente e auto-sustentável que se baseia na mais simples transacção: a partilha. Aqui, partilham-se espaços, materiais, ideias, saberes e tarefas, organizando-se



<
Ambiente geral na Culturgest durante a apresentação de um espectáculo.

Work in progress
de Bryony Kimmings,
2012
(Bryony Kimmings).

>

colectivamente um contexto onde os artistas podem experimentar e mostrar gratuitamente o seu trabalho. Ao longo dos anos, o projecto tem vindo a crescer, e as viagens pelo Reino Unido têm vindo a aumentar, sobretudo desde a criação de uma versão mais portátil deste festival: o microfestival. Estes microfestivais têm vindo a evidenciar vários artistas no panorama britânico, comprovando-se assim o sucesso de um modelo de gestão centrado na autonomia do artista. O director Andy Field acredita mesmo que uma das competências lesadas pela estabilização do sector cultural inglês foi a capacidade de sobrevivência que todos os artistas devem possuir para atravessar o seu contexto sócio-económico. Para Field, cada um deles deve ser empreendedor e criar recursos para se adaptar às suas circunstâncias. O director não defende – com esta posição – a abolição dos apoios e sistemas formais da produção cultural, defende, sim, o valioso proveito que a criação independente de um projecto, sem recurso a subsídios ou instituições, pode trazer. Muitos dos artistas, que constituem este projecto, estão já a criar a sua própria programação, pois Andy Field e Deborah Pearson investem e confiam na criatividade desta comunidade artística, e, sobretudo, na sua proactividade.

A primeira apresentação internacional do Forest Fringe foi precisamente na Culturgest de Lisboa, e marca mais uma conquista deste projecto: o princípio do seu crescimento além-fronteiras.

Simetria de opostos: Abertura e fecho

Os artistas estiveram durante três dias instalados em vários espaços do edifício. Entre as sete da tarde e a meia-noite, o público pôde ver uma amostra do trabalho que este festival acolhe, e experienciar uma Culturgest mais informal e festiva. O público foi também convidado a explorar a *Travelling Sounds Library*, que se compunha de peças de som independentes espalhadas em livros ocultos pelos vários cantos do foyer principal, e podia ainda ver entre

<
Work in progress
de Jenna Watt, 2012
(Jenna Watt),
fot. Rachel Henson.

>
Watch Me Fall
 (Vê-me a cair)
 de Gemma Paintin
 e James Stenhouse,
 Action Hero, 2012
 (Gemma Paintin
 e James Stenhouse),
 fot. Toby Farrow.



espectáculos as instalações de Tim Etchells e Andy Field, e o filme de Kieran Hurley e Gary McNair.

Os dois espectáculos, que abriram e concluíram este microfestival, são criações que foram experimentadas e desenvolvidas no Forest Fringe. *Watch Me Fall* dos Action Hero e *Growing Old With You* dos Search Party foram ambos apresentados em formato *work in progress* em duas das edições do festival: *Watch Me Fall* em 2008 e *Growing Old With You* em 2010.

Deborah Pearson e Andy Field parecem ter escolhido estes dois espectáculos como exemplo da consistência e estabilidade do seu projecto. Ambas as companhias são formadas por casais que desenvolvem nestes projectos estéticas praticamente opostas. Enquanto os Action Hero apostam numa comunicação recheada de iconografia americana e de sonoridades gritantes, os Search Party exploram as possibilidades cénicas da passagem do tempo através do silêncio e de um despojamento cénico misterioso, feito de cartografias desenhadas a sal.

A dicotomia sonora e visual, que ocorre entre estes dois espectáculos, marca uma preocupação programática que insiste na variedade de linguagens artísticas. Além disso, esta abertura e esta conclusão apresentam e encerram uma temática implícita a todo o microfestival: os géneros.

A abertura coube aos Action Hero (Gemma Paintin e James Stenhouse) que apresentaram *Watch Me Fall* na garagem da Culturgest. O espectáculo foi inspirado nos *daredevils* americanos, e é o primeiro de uma trilogia sobre a iconografia do sexo masculino. Os artistas tomaram o salto de Evel Knievel à fonte do Caesars' Palace em Las Vegas como exemplo paradigmático da bravura masculina, prometendo ao seu público um feito semelhante. À chegada, os actores distribuam Coca-Colas e máquinas fotográficas descartáveis pelo público, que, por sua vez, ficava de pé a assistir e a aplaudir a esta longa e barulhenta promessa. O actor dizia que daria um salto na sua mota

(que na realidade é uma bicicleta de crianças) de uma distância de doze barris, vendado, dentro de um saco, a arder.

O que inicialmente parece uma paródia ao espectáculo de morte americano, torna-se gradualmente numa raivosa demonstração de violência gratuita que procura constantemente a cumplicidade do público. Os actores entregavam-se a actos absurdos que procuravam retratar a força masculina e a sua respectiva denegrição feminina. Exemplos disso são a primitiva sessão de pontapés à cabeça do actor, ou o obsceno e vagamente pornográfico despejo de garrafas de Coca-Cola na boca da actriz. No final do espectáculo, o actor saltava finalmente com a sua pequena bicicleta sobre um repuxo artesanal feito com Coca-Cola e Mentos, voando enfim para a sua queda. Os Action Hero confrontam o público com a sua responsabilidade sobre os riscos e violência apresentados em cena. *Watch Me Fall* remete para os primórdios do espectáculo de morte, lembrando o seu papel na construção iconográfica do macho.

Por sua vez, os Search Party terminaram o festival contrariando a furiosa vitalidade da sua abertura com uma silenciosa e depurada reflexão sobre o envelhecimento. *Growing Old With You* é um projecto que se iniciou em 2010, por ocasião da proximidade do trigésimo aniversário dos artistas, e que será recriado num novo espectáculo a cada dez anos para o resto das suas vidas. Em *Growing Old With You*, Pete Phillips e Jodie Hawkes, pretendem traçar o percurso de uma vida inteira em tempo real. Para tal, utilizam elementos cénicos e interpretativos que remetem para a memória comum e para a abstracção de um futuro vidoiro. Ao partilharem gestos e palavras tratam o conceito da dualidade das vivências comuns, a presença de uma câmara de filmar marca a captação de histórias passadas em tempo presente, e ao cartografarem num chão de sal as suas pegadas e movimentos criam um percurso temporal abstracto e incerto, aquele que se perde nos silêncios e cumplicidades.



O festival fechou com esta muda reflexão sobre os conceitos de idade, acumulação de experiências e dualidade, encerrando o evento com uma tonalidade metafísica e enigmática.

Aventuras: Correrias, computadores e corações despedaçados

Entre a abertura e o segundo espectáculo, o público foi convidado a assistir a pequenas experiências muito interessantes criadas numa semana de trabalho nos espaços da Culturgest pelos artistas Jenna Watt, Bryony Kimmings e Mamoru Iriguchi. Os portugueses André E. Teodósio & Cão Solteiro também se integraram no microfestival realizando uma audição para o trabalho de *Top Models – Paula Sá Nogueira (um bestiário)* que estreou em Março no mesmo espaço.

Na rampa das galerias, Jenna Watt apresentou ao público uma experiência do processo criativo de *Flâneurs*, o seu próximo trabalho que estreará este Verão no Festival Fringe de Edimburgo. Nesta experiência, a artista contava individualmente a cada espectador uma história sobre violação, e a esse de seguida encomendava uma perseguição até ao fim da rampa para testar as suas capacidades de fuga. O público, surpreendido, observava a artista a tentar escapar do espectador, soltavam-se até gargalhadas e risos, pois os observadores desconheciam o contexto desta acção. O desfecho da perseguição cabia precisamente a um espectador que soprava um apito entregue pela artista. Jenna Watt é uma artista conhecida por explorar a violência, o risco e a interacção no seu trabalho performativo. Esta pequena experiência realizada para *Flâneurs* revela estas mesmas três matrizes. O título *Flâneurs* significa "passeantes", pessoas que flanam, ou seja, que andam sem destino experienciando as cidades com longos passeios. Jenna Watt pretende com este projecto explorar a natureza da violência em espaços públicos utilizando a psicogeografia (um campo da geografia que estuda os efeitos do ambiente

geográfico urbano nas emoções e comportamentos das pessoas) e ainda desconstruir o "by-stander effect" (um fenómeno psicológico que prova que quanto maior é o número de pessoas presentes numa situação violenta, menor é a probabilidade de alguém ir em socorro da vítima). Ao pedir um ataque e ao confiar a sua salvação a membros do público, Jenna Watt reivindica uma intervenção activa àqueles que assistem ao seu próprio risco e consequente vulnerabilidade. Uma experiência interessante que permitiu que a artista sentisse na pele os riscos de um ataque num local público, e testasse também a sua força perante esta situação.

Simultaneamente, o japonês Mamoru Iriguchi – zoólogo incompetente, cenógrafo premiado, *designer* gráfico e *performer* auto-didacta – manobrava monitores, projectores e cursores numa pequena sala, criando uma interacção visual com o público. Lá, foi apresentada uma *performance* multimédia – *Journey From a Man to a Woman* – que tinha a mudança de sexo como pretexto temático.

Iriguchi criou uma espécie de palestra/cabaret *high tech* no/na qual se reflectia sobre a evolução das espécies, questões de género e fantasias eróticas. Um tema incontornavelmente físico foi transformado numa viagem entre o seu próprio corpo e as imagens virtuais exibidas.

Desta forma, o artista confundia o masculino com o feminino, e o real com o virtual, metendo pelo meio descrições biológicas sobre baleias e música pop dos anos 50 a marcar um ritmo humorístico e terno a esta fusão surrealista de sexos e de mundos. Para a concretização técnica desta experiência interactiva, Iriguchi sobrepunha um monitor sobre o seu corpo, monitor este que mostrava um *cartoon* tosco do corpo de uma mulher, que depois se transformava num *cartoon* tosco do corpo de um homem, e, seguidamente, em corpos híbridos que envolviam *lingerie* e genitais desproporcionados. Estes *cartoons* apareciam mais tarde como objectos reais em tiradas ilusionistas surpreendentes, que faziam com que o plano digital e o plano real se fundissem num breve momento de magia. Iriguchi apresentou uma cómica, e levemente inquietante, experiência sobre transformações e transições, sugerindo uma evolução da espécie humana para um estado indefinido como o estado sexual apresentado na sua viagem. Desconstrói-se nesta exótica experiência nipónica a ideia de uma utilização da tecnologia em detrimento dos recursos criativos do corpo, equilibrando os dois mundos através de uma entrega total à sua fruição inocente e fantasista.

Desta absurda aventura multimédia, passou-se a uma outra absurda aventura, desta vez com um carácter mais emocional. A inglesa Bryony Kimmings apresentou uma série de pequenos números performativos que eram parte integrante do desenvolvimento de *Heartache*. *Heartbreak*, o seu próximo espectáculo sobre uma das mais traumáticas e universais experiências humanas: o desgosto amoroso. Bryony Kimmings tem tido um sucesso crescente no Reino Unido, tendo sido inclusivamente distinguida com um

<

Hitch (Boleia),
de Kieran Hurley, 2012
(Kieran Hurley),
fot. Niall Walker.

>
Growing Old With You
 (Envelhecer contigo),
 de Pete Phillips
 e Jodie Hawkes,
 Search Party, 2012
 (Jodie Hawkes
 e Pete Phillips).



Prémio Total Theatre pela qualidade inovadora do seu espectáculo *Sex Idiot*, um excêntrico e desavergonhado monólogo construído a partir das desventuras sexuais da artista. Este espectáculo é exemplo das criações extravagantes e multidisciplinares que caracterizam o trabalho de Kimmings, cruzando as suas reais (in)confidências com pequenos números de dança, canto, e *spoken word* numa narrativa desinibida e cómica.

Bryony Kimmings manteve a mesma estratégia criativa nesta experiência criada para a Culturgest, recorrendo uma vez mais a uma *persona* descontrolada, embrenhada num solitário consolo alcoólico. Atrás do balcão do bengaleiro, Kimmings começava por dançar e cantar ao som de músicas lamechas, criando o esboço de um universo ficcional ébrio e disparatado. Bebia champanhe por uma garrafa, e comia gelado de uma taça exageradamente grande. O seu vestuário parecia um fato de carnaval de uma espécie de princesa medieval futurista apresentando-se como uma personagem anacrónica que exprimia duas posições românticas antagónicas. Bryony Kimmings usava um chapéu bicudo de dama medieval, um longo vestido branco, e uma cabeleira cor-de-rosa, que no seu conjunto se referiam a arquétipos femininos antigos e modernos. Estes pequenos apontamentos visuais criaram sinteticamente um conflito entre paradigmas opostos: o encontro de uma donzela medieval com uma *barbie punkrock* num só corpo alcoolizado, dividido entre uma fantasia romântica que se refere a príncipes encantados, e uma atitude independente e rebelde. Esta experiência resultou numa cómica abordagem aos diferentes estados emocionais do desgosto amoroso criada com lugares comuns e gestos idiotas.

Histórias: A intimidade imediata da narrativa

No momento *Histórias*, o público tinha de escolher uma entre duas histórias: *Like You Were Before* de Deborah Pearson e *Hitch* de Kieran Hurley. Ambos os espectáculos foram construídos a partir de experiências pessoais dos

artistas. Kieran Hurley propôs uma proactiva história política ao relatar uma viagem à boleia até à 35ª reunião de cúpula do G8, e Deborah Pearson optou por uma envolvimento mais íntima e meditativa que reflectia sobre os acontecimentos gravados num vídeo caseiro sobre o seu último dia no Canadá, sua terra natal, antes de partir para Londres em 2005.

Deborah Pearson subiu ao palco com um cumprimento simpático e caloroso, e iniciou a sua narrativa propondo um olhar do passado como uma viagem de comboio ao contrário, ou seja, uma viagem em que o passageiro olha pela janela a paisagem que deixou para trás. O vídeo era projectado numa tela e Pearson ia parando o seu visionamento para decifrar a importância dos momentos, das conversas e das pessoas que figuravam no vídeo: amigos, pais, objectos e paisagens. Sempre que a artista aparecia no vídeo, falava por cima da sua própria voz repetindo no presente as palavras e sons do passado. Esta sobreposição da voz presente e da voz gravada causava um efeito constrangedor que marcava uma intrusão embaraçosa e o impossível regresso ao passado. Este *voice over* e uma pequena dança foram os únicos momentos verdadeiramente performativos deste espectáculo inteiramente criado com uma narração espirituosa e filosófica sobre o caminho que percorremos na vida. *Like You Were Before* ganhou um prémio Herald Angel em Edimburgo e regressa a uma antiquada, mas muito eficaz, forma de espectáculo, que é aquela em que se contam histórias.

O Forest Fringe tem vindo a afirmar-se pela sua qualidade artística, e, sobretudo, pela sua proposta de gestão cultural. Esta forma de funcionamento aberta e gratuita regressa à base fundamental da criação: a vontade, por si só, de criar. O seu sucesso comprova que existem alternativas de excelência aos moldes de produção artística convencionais, incentivando também a uma prática mais económica e adequada aos tempos de crise que se vivem.